

EMPREENDEDORISMO REGIONAL: A COOPERATIVA AGROINDUSTRIAL DOS “SUÁBIOS DO DANÚBIO”

REGIONAL ENTREPRENEURSHIP: THE AGROINDUSTRIAL COOPERATIVE OF THE “DANUBIAN SWABIES”

Recebido em 10.07.2024 Aprovado em 28.09.2024

Avaliado pelo sistema double blind review

DOI: <https://doi.org/10.32888/cge.v12i2.63653>

Julie Cristini Dias

julie.cris.dias@gmail.com

Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO) – Guarapuava/Paraná, Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-8412-0063>

Resumo

Este artigo refere-se ao empreendedorismo regional relacionado diretamente à escola não-comportamental do empreendedorismo. Seu objetivo concentra-se em identificar características do empreendedorismo regional na Cooperativa Agrária Agroindustrial do Distrito de Entre Rios, de Guarapuava (PR). Trata-se, desse modo, de uma pesquisa qualitativa de nível exploratório com a utilização de documentação indireta por meio de fontes secundárias. Seus resultados indicam que a criação da Cooperativa, antes do início do processo de imigração, e a relação dos colonos com a economia ou mercado, que ocorreu com a distribuição de terras aos colonos ao final dos primeiros anos, fortaleceram o comprometimento, a segurança e a mobilização dos imigrantes.

Palavras-chave: empreendedorismo regional. empreendedorismo étnico. “Suábios do Danúbio”. Guarapuava (PR).

Abstract

This article refers to regional entrepreneurship directly related to the non-behavioral school of entrepreneurship. Its objective focuses on identifying characteristics of regional entrepreneurship in the Agrarian Agroindustrial Cooperative of the District of Entre Rios de Guarapuava (PR). This is qualitative research at an exploratory level using indirect documentation through secondary sources. Their results indicate that the creation of the Cooperative before the start of the immigration process and the relationship between the settlers and the economy or market that occurred with the distribution of land to the settlers at the end of the first years strengthened the commitment, security and mobilization of immigrants.

Keywords: regional entrepreneurship. ethnic entrepreneurship. “Danubian Swabies”. Guarapuava (PR).

Introdução

O empreendedorismo regional (JULIEN, 2010) amplia estudos sobre o empreendedorismo étnico (DINIZ, GUIMARÃES, FALCÃO e CRUZ, 2022; CRUZ, FALCÃO e LEITE, 2022; FALCÃO e CRUZ, 2021; MACHADO, FALCÃO, CRUZ e HOSSEIN, 2021; CRUZ e FALCÃO, 2020; DINIZ, GUIMARÃES e FERNANDES, 2019), mesmo que tais estudos mostrem ampla participação em âmbito internacional, em países emergentes como no Brasil, empreendedorismo regional e imigrante revelam-se escassos (DINIZ, GUIMARÃES, FALCÃO e CRUZ, 2022; FALCÃO e CRUZ, 2021; MACHADO, FALCÃO, CRUZ e HOSSEIN, 2021; DINIZ, GUIMARÃES e FERNANDES, 2019). Apesar de haver certa notoriedade do empreendedorismo no Brasil e incontáveis manifestações com feitos recentes, como sua quarta colocação no *ranking* de empreendedores iniciais identificada no “maior estudo contínuo sobre a dinâmica empreendedora do mundo (VALE, CORRÊA & REIS, 2014 *apud* FALCÃO e CRUZ, 2021, p. 296),” o relatório *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM, 2019), bem como seus quase 20 anos de participação na pesquisa GEM, em que sempre esteve entre as dez primeiras colocações neste *ranking*, percebe-se a ausência de tratamento acadêmico ao tema empreendedorismo regional.

Nesse sentido, é *mister* pontuar que o empreendedorismo está associado ao Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), conforme afirmam Cumming, Johan e Zhang (2014, p. 2), ou seja, trata-se do “desenvolvimento local, ambiente institucional, entorno competitivo, desenvolvimento empresarial e entorno do mercado local”, os quais influenciam a pontuação para o IDH. Em pesquisa relacionada às principais cidades de São Paulo, Rocha *et al* (2017, p. 6-10) confirmam correlações positivas entre o empreendedorismo e as variáveis socioeconômicas de educação, saúde, emprego [e renda – todas consideradas no IDH. Logo, é preeminente tratar sobre o empreendedorismo regional por sua vertente sociológica (FRITSCH e WYRWICH, 2017; ROCHA *et al*, 2017; INÁCIO JUNIOR, 2016; PEREIRA *et al*, 2012; JULIEN, 2010).

Para Inácio Júnior *et al* (2016, p. 1), práticas de empreendedorismo regional auxiliam no enfrentamento das dificuldades de baixa internacionalização de empresas, pouca inovação em produtos e processos, baixa formação de capital humano e de empresas de alto crescimento que ocorrem no ecossistema brasileiro. Além do mais, o empreendedorismo regional pode gerar a “tão almejada” cultura do empreendedorismo regional (FRITSCH e WYRWICH, 2014) e, ocorrendo tal cultura, haverá, também, constância na formação de novos negócios (FRITSCH e WYRWICH, 2017).

Este artigo, portanto, preocupa-se com esse efeito randômico do empreendedorismo identificado como empreendedorismo regional, inicialmente entendido como aquele que vai “além da dinâmica dos empreendedores e de suas empresas, contemplando, dentre vários aspectos, a importância do ‘*milieu*’ [meio] do empreendedor que comporta as características culturais, sociais e os recursos deste ambiente (JULIEN, 2010, p. 5-6)”. Nesse viés, objetiva-se identificar características do empreendedorismo regional na Cooperativa Agrária Agroindustrial do Distrito de Entre Rios, de Guarapuava (PR). Ressalta-se ainda que, em 60 artigos da literatura internacional, não há abordagem sobre a temática empreendedorismo regional convergindo seus temas para empreendedorismo imigrante, empreendedorismo étnico, empreendedorismo transnacional, redes/capital social, empreendedorismo de alta tecnologia/inovação, empreendedorismo feminino, empreendedorismo minorias e políticas públicas/desenvolvimento, conforme Aoki e Machado (2018). Além da introdução, este artigo apresenta, na sequência, o referencial teórico, os procedimentos metodológicos, a apresentação e análise dos resultados, as considerações finais e as referências.

Referencial teórico

Empreendedorismo regional

O fenômeno do empreendedorismo é explicado academicamente partindo do indivíduo empreendedor, por meio de abordagens com sentido antropológico-psicológico-*behaviorista*, quando todo o empreendimento criado inicialmente é influenciado, predominantemente, pelo indivíduo empreendedor (JULIEN, 2010, p. 23). Nessa

perspectiva, a publicação “Histórias para inspirar a sua jornada empreendedora”, do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE, 2023), exemplifica isso, ao apontar que o empreendedor é o agente promotor do empreendedorismo, seja por características inatas e/ou pela construção de seu perfil em grupo familiar e/ou aquisição de características de grupos de socialização. Essas abordagens caracterizam a escola comportamental do empreendedorismo, na qual a maior influência para criação de negócios origina-se no indivíduo empreendedor ou indivíduos empreendedores.

Há, ainda, aqueles estudiosos que explicam o empreendedorismo pela interpretação da escola não-comportamental, a qual define que a influência predominante para criação de negócios origina-se no ambiente ou mercado ou contexto, ou seja, o que está em torno do(s) indivíduo(s) empreendedor(es) (FRITSCH e WYRWICH, 2017; ROCHA *et al*, 2017; INÁCIO JUNIOR, 2016; PEREIRA *et al*, 2012; JULIEN, 2010; SCHUMPETER, 1985). No empreendedorismo geográfico, por sua vez, há um “aglomerado de firmas ou subunidades que necessitam de proximidade entre cliente-fornecedor para facilitar o desenvolvimento conjunto, troca de conhecimentos ou readequação de condições de fornecimento (SANTOS, DINIZ e BARBOSA, 2004)”, a exemplo, tem-se o polo de calçados de Nova Serrana (MG) juntamente do polo do vestuário em Cianorte (PR). Aqui, percebe-se que não há o indivíduo empreendedor ou indivíduos empreendedores influenciando predominantemente a criação do negócio, e sim a aglomeração de empreendimentos. Os estudiosos da economia neoclássica, os quais também não reconhecem o indivíduo empreendedor atuando no sistema econômico (JULIEN, 2010, p. 25), encontram explicações para o empreendedorismo na naturalidade dos ciclos econômicos.

Julien (2010) também compõe a escola não-comportamental do empreendedorismo – vertente sociológica – ao passo que caracteriza o empreendedorismo regional como um conjunto de atores e condições favoráveis, uma forma mais robusta de explicação ao fenômeno de criação de empreendimentos. O autor afirma que “Só é possível falar sobre empreendedorismo adotando-se uma visão ampla[...]considerar diferentes tipos de indivíduos [...] diferentes formas de organização [...] diversos ambientes socioeconômicos – próximos (o meio) ou mais amplo (o mercado, a economia) – e, diversas épocas (o tempo) (JULIEN, 2010, p. 22)” contrariamente ao empreendedorismo étnico e empreendedorismo imigrante:

Empreendedorismo étnico, como aquele realizado por imigrantes que fazem a opção por negócios ligados à sua herança cultural. Normalmente, esses empreendedores mantêm laços culturais e emocionais com coétnicos e tendem a se concentrar em um mesmo espaço geográfico formando, assim, enclaves étnicos. Já os empreendedores imigrantes são aqueles que fazem a opção por negócios presentes na economia *mainstream* e, ao contrário dos empreendedores étnicos, evitam manter laços emocionais com coétnicos, sempre buscando dissociar-se deles (DINIZ, GUIMARÃES, FALCÃO e CRUZ, 2022, p. 2-3).

Trata-se, desse modo, de circunstâncias que reforçam a ocorrência do empreendedorismo regional, empreendedorismo étnico e empreendedorismo imigrante rememoradas como falta de proficiência na língua, dificuldades iniciais presentes no fluxo migratório, por discriminação, por falta de qualificação profissional, dificuldades para o reconhecimento de diploma, bem como de experiências profissionais anteriores à imigração, barreiras para se colocarem no mercado de trabalho formal, difícil adaptação cultural e barreiras institucionais (DINIZ, GUIMARÃES, FALCÃO e CRUZ, 2022; CRUZ, FALCÃO e LEITE, 2022; FALCÃO e CRUZ, 2021; MACHADO, FALCÃO, CRUZ e HOSSEIN, 2021; DINIZ, GUIMARÃES e FERNANDES, 2019).

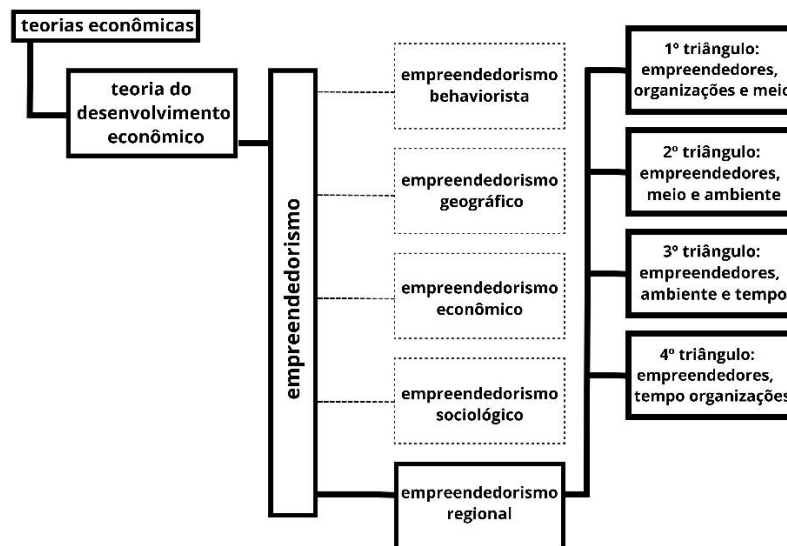
Este artigo caracteriza o empreendedorismo regional, ao passo que a escola comportamental do empreendedorismo se apresenta incompleta ou sem validade para explicar certos fenômenos na criação de empreendimentos. Logo, o empreendedorismo regional passa a ser uma forma adicional de explicar o crescimento e o desenvolvimento econômicos juntamente das vertentes *behaviorista*, geográfica, econômica e sociológica. A composição do empreendedorismo regional reúne os atores de ação interna (empreendedores, organizações e meio), atores de ação externa (ambiente e tempo) e as condições favoráveis (informação, formação de redes e inovação), formando interações, conforme Quadro 1.

Quadro 1 – Interações do empreendedorismo regional: atores e condições favoráveis

Condições favoráveis	Interações
Informação Formação de redes Inovação	1ª interação: empreendedores, organizações e meio (o primeiro triângulo)
	2ª interação: empreendedores, meio e ambiente (o segundo triângulo)
	3ª interação: empreendedores, ambiente e tempo (o terceiro triângulo)
	4ª interação: empreendedores, tempo e organizações (o quarto triângulo)

Fonte: Julien (2010, p. 22).

Na primeira interação, empreendedores, organizações e meio correspondem ao primeiro triângulo de uma pirâmide. Na segunda interação, empreendedores, meio e ambiente correspondem ao segundo triângulo da mesma pirâmide. Na terceira interação, tem-se empreendedores, ambiente e tempo, bem como, na quarta interação, empreendedores, tempo e organizações, ou seja, terceiro e quarto triângulos da pirâmide. Interações essas que serão caracterizadas na trajetória histórica dos “Suábios do Danúbio”, descrita em Elfes (1971).

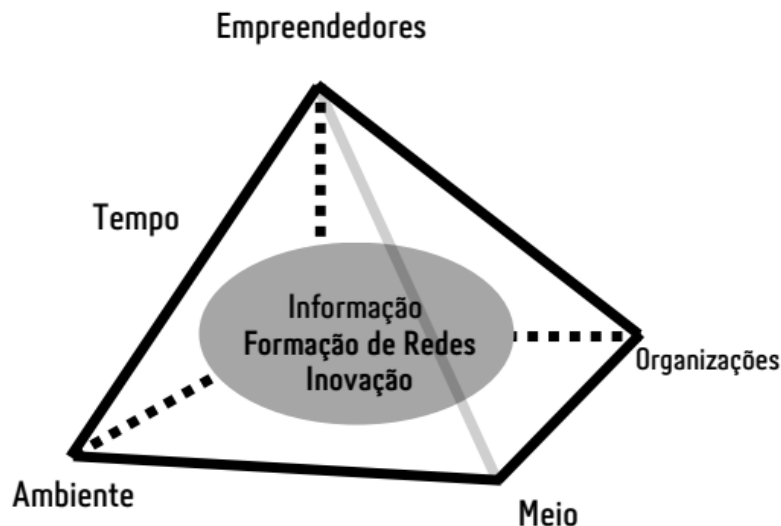
Figura 1 – Desenho da pesquisa sobre empreendedorismo regional

Fonte: elaboração própria a partir de referencial teórico (2022-2023).

A dinâmica do empreendedorismo regional é ilustrada na Figura 2 e explicada por Julien (2010, p. 28), sob a partição de 04 (quatro) triângulos. Segundo o autor, o 1º triângulo é o “ponto de partida” de todo o empreendedorismo regional, em que o empreendedor (ou catalisador) age, respectivamente a organização complementa a ação do empreendedor, e o meio multiplica esta ação. Empreendedor e ambiente (economia) se reúnem no 2º triângulo, estabelecendo relações de mercado. O elo entre os empreendedores, o ambiente e o tempo age sobre o comportamento dos empreendedores e é

observado no 3º triângulo. Já, as transformações ao longo do tempo entre empreendedores e organização são apresentadas no 4º triângulo. Nesse sentido, Julien (2010) ressalta fatores ao centro da pirâmide, começando pela informação que dinamiza a economia, a formação de redes, para melhor tratar essa informação desde a sua fonte, a qual resultará no 3º fator: a inovação. Juntos, os triângulos (1º, 2º, 3º e 4º) formam uma pirâmide do empreendedorismo regional. A partir da triangulação dos dados obtidos, estabeleceu-se a análise dos resultados apresentados a seguir.

Figura 2 – A pirâmide do empreendedorismo regional



Fonte: JULIEN (2010, p. 27).

Rememora-se, também, que o empreendedorismo regional pode gerar a cultura do empreendedorismo regional (FRITSCH e WYRWICH, 2017) a qual apresenta, por, no mínimo 80 anos, altas taxas de formação de novos negócios (especialmente *start-ups*) acompanhada pelas altas taxas de autoemprego, mesmo em períodos de mudanças drásticas de regimes políticos, guerras que devastam e graves crises da economia (FRITSCH e WYRWICH, 2017). Em Godlewska e Morawska (2020, p. 1018), essa cultura é denominada de instituição informal juntamente da tradição e da história, ambas vitais ao processo de sucesso empresarial.

Procedimentos metodológicos

Esta é uma pesquisa de natureza qualitativa, de nível exploratório, baseada em dados secundários devido ao “tema do estudo ser pouco explorado, ou que não tenha sido realizada pesquisa sobre ele em algum grupo social específico (SAMPIERI, COLLADO e LUCIO, 2013, p. 376)”, logo, um tópico de pesquisa recente e promissor (AOKI e MACHADO, 2018, p. 1; PEREIRA *et al*, 2012 p. 2), o que justifica a escolha pelo tema empreendedorismo regional.

Quanto à técnica de pesquisa, utilizou-se a documentação indireta, por meio de fonte secundária oriunda do idioma português. Essa técnica “abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico, etc., até meios de comunicação oral (MARCONI e LAKATOS, 2010, p. 166)”. A principal fonte secundária utilizada foi o livro intitulado “Suábios no Paraná”, de Albert Elfes, publicado em 1971.

Já, quanto à escolha pelos “Suábios do Danúbio”, deu-se por alguns motivos: a) disponibilidade da referência bibliográfica publicada por Albert Elfes, em 1971; b) é um caso de sucesso no empreendedorismo regional, que envolve uma colonização há mais de 70 anos, além da fundação da Cooperativa Agrária Agroindustrial do Distrito de Entre Rios, Guarapuava (PR), a qual, atualmente, é

considerada a maior maltaria comercial do Brasil, fornecendo aproximadamente 30% da demanda nacional; c) os “Suábios do Danúbio” residem na mesma cidade que a Pesquisadora. Desse modo, o objetivo deste artigo concentra-se em identificar na referência bibliográfica de Albert Elfes características do empreendedorismo regional na Cooperativa Agrária Agroindustrial dos “Suábios do Danúbio” do distrito de Entre Rios, de Guarapuava (PR).

A operacionalização desta pesquisa ocorreu entre janeiro/2022 a julho/2023. A análise dos dados deu-se por meio de análise de conteúdo (BARDIN, 2006), na qual, após análise do material coletado, ocorreu o enquadramento de momentos (classificados por Albert Elfes em pré-colonização, primeiros anos e em vinte anos de fundação da Cooperativa Agrária Agroindustrial) da história da colonização dos “Suábios do Danúbio” junto ao modelo teórico de empreendedorismo regional de Julien (2010, p. 27).

Apresentação e análise dos resultados

Histórico da Cooperativa Agrária Agroindustrial do Distrito de Entre Rios de Guarapuava (PR)

De acordo com Stein (2008), os “Suábios do Danúbio” – do período pós-Primeira Guerra Mundial – são originários da divisão territorial do Império Austro-Húngaro da Romênia, Iugoslávia e Hungria. A denominação de “Suábios do Danúbio” destes alemães, portanto, deu-se devido ao fato de embarcarem na cidade suábia de Ulm, especificamente no Rio Danúbio.

Conforme o Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE, 2024), considerando o começo do processo de imigração no Brasil a partir de 1820, foi entre 1924-1933 que o Brasil teve um maior contingente da nacionalidade de alemães migrando para o país. E, conforme Seyferth (2011 *apud* CRUZ, FALCÃO e LEITE, 2022, p. 131), a maioria dos imigrantes alemães dirigiu-se ao sul do Brasil. Segundo Elfes (1971), o primeiro grupo de colonos que chegou ao Brasil, em meados de 1951, totalizou 222 pessoas entre camponeses, artesãos, motoristas e dirigentes da organização; o último grupo chegou em março de 1952, com 323 pessoas, dentre estas camponeses, artesãos, operários e alguns empregados e diretores do projeto de colonização, embora no Brasil o maior contingente da nacionalidade alemã tenha imigrado entre o período de 1924-1923, segundo o IBGE (2023). No total, eram 2448 “Suábios do Danúbio” que imigraram entre 1951 e 1952 e reemigraram desde 1951, no mínimo 157 famílias. A maioria dos colonos procedia da Iugoslávia, alguns da Romênia e Hungria. Ainda que com o *status* de refugiados e expulsos, venceram crises pós-emigração (financeiras e não-financeiras) devido à perseverança, ao esforço e ao apoio.

Os “Suábios do Danúbio” também são identificados neste artigo pelo empreendedorismo regional que promoveram e promovem, tendo como seu principal resultado pós-imigração a Cooperativa Agrária Agroindustrial do Distrito de Entre Rios, de Guarapuava (PR). Fundada pelos “Suábios do Danúbio” há mais de 70 anos, esta Cooperativa atualmente é considerada a maior maltaria comercial do Brasil, a qual fornece aproximadamente 30% da demanda nacional, sendo também um dos principais fornecedores brasileiros das farinhas de uso doméstico e industrial, com destaque, também, à produção e à exportação do óleo de soja degomado <<https://www.agraria.com.br/negocios>>.

Características do empreendedorismo regional da Cooperativa Agrária Agroindustrial

Os atores de ordem interna (empreendedor, organizações e meio)

Foram identificados como *atores de ordem interna*: a) como *empreendedor* o engenheiro agrônomo *Michael Moor*, “representante do grupo danúbio-suábio e principal orientador das tendências colonizadoras (ELFES, 1971, p. 44)”, posteriormente os outros ocupantes do cargo de Presidente da Cooperativa assumem este papel; em Brue (2013, p. 466), os empreendedores são sempre pioneiros na introdução, também, de novas formas de organização comercial ou na inserção de novos mercados; b) como

organização a denominada Cooperativa Agrária Ltda. Entre Rios, Guarapuava “representação dos interesses danúbio-suábios para negociações oficiais, bancárias e com os comitês de auxílio, foi fundada antecipadamente (6 de maio de 1951) e sob a orientação do Sr. Moor (ELFES, 1971, p. 46)”; e c) como *meio* “que é o que geralmente explica não somente a multiplicação mas também o dinamismo, e é beneficiado em retorno (ELFES, 1971, p. 28)” composto por alguns atores brasileiros e não-brasileiros a Sociedade de São Rafael, Hamburgo; o Bundesamt para indústria, artesanato e trabalho, BIGA, Berna; a *Food and Agriculture Organisation* FAO, Washington; a *International Refugee Organisation* IRO, Genebra; o Comitê Internacional da Cruz Vermelha; o *Intertionales Arbeitsamt*, BIT, Genebra; a Ajuda Suíça para Europa; República Federal Alemã; o Instituto de Pesquisas e Planejamento Agrícola e Industrial (PLANAGRO); governo suíço e governo estadual paranaense, comerciantes suíços e brasileiros e bancos brasileiros; Banco Regional do Desenvolvimento do extremo Sul (BRDE), Banco do Brasil; Associação de Crédito e Assistência Rural do Paraná (ACARPA); Intergovernamental *Committee for European Migration* (ICEM) (ELFES, 1971, p. 44-45-48-56-57-69); irmãs dominicanas (ELFES, 1971, p. 103).

Os atores de ordem externa (ambiente e tempo)

Foram identificados como *atores de ordem externa*: a) como *ambiente* significando “a economia onde encontram mercado e recursos, de acordo com o tipo de setor (JULIEN, 2010, p. 28)”, aqui é quase inexistente o ambiente (mercado) durante os primeiros anos de colonização. De acordo com Elfes (1971, p. 71), a Colônia apresentou uma tendência para uma economia mista de agricultura e produção de leite, em que a produção almejou, primeiramente, o autoabastecimento da própria Colônia, com víveres. Elfes (1971) ainda complementa que outro aspecto a ser levado em consideração foi o desconhecimento, nos primeiros anos, de uma orientação segura sobre as possibilidades e necessidades dos mercados potenciais de consumo. No entanto, havia noção da composição dos meios de produção (o que motiva a aquisição ou instalação de usina elétrica, moinho, oficina mecânica, serraria, bens semoventes, máquinas agrícolas, veículos, materiais para construção) por parte dos colonos. Vale pontuar que o acontecimento responsável por aproximar os colonos do ambiente, (mercado) ao final dos primeiros anos de colonização, é a divisão de terras que marca “o encerramento do trabalho coletivo praticado durante os primeiros anos (ELFES, 1971, p. 48)”. Essa divisão serve de estímulo para buscar crescimento e desenvolvimento econômico, manifestando-se por meio da insatisfação com a terra designada, procura de melhor aproveitamento econômico da terra designada, aumento da área de terra designada; e b) como *tempo* especificado e transcrito na referência bibliográfica de Elfes (1971) compreendendo pré-colonização, os primeiros anos e os vinte anos de fundação da Cooperativa Agroindustrial do “Suábios do Danúbio”.

Dheer (2018 *apud* Cruz, Falcão e Leite, 2022) pontua que, ao avaliar estudos de incorporação mista – *mixed embeddedness* – de imigrantes, deve-se incluir o contexto sociocultural e institucional mais amplo complementado pelas estruturas de oportunidade, recursos dos empresários migrantes e estratégias de negócios, de forma sistemática. Todos esses atores de ordem interna e externa compõem 02 (dois) os tipos de capitais (humano e social) nominados por Achidi-Ndofor e Priem (2011 *apud* MACHADO, FALCÃO, CRUZ e HOSSUEIN, 2021, p. 3), e classificados em: a) social; b) humano; e c) econômico.

A pré-colonização

A primeira triangulação: empreendedores, organizações e meio

Nesta primeira triangulação, os atores empreendedores, organizações e meio fundamentam a base do empreendedorismo regional (JULIEN, 2010, p. 28). A principal triangulação é a criação antecipada, ou seja, ainda na Europa da Cooperativa Agrária Ltda. Entre Rios Guarapuava, em 06 de maio de 1951, pela ação do engenheiro agrônomo Michael Moor (ELFES, 1971, p. 46).

Embora essa Cooperativa já tivesse sido fundada “nos anos entre as duas grandes guerras, por agricultores suábios, na Iugoslávia, com efeitos benéficos, após dolorosos reveses (ELFES, 1971, p.

99)”, observou-se fundamental a revitalização dessa organização para, em seguida, ocorrer a aquisição dos primeiros terrenos. Tais terrenos correspondiam à área de “10000 hectares de campo, portanto, terrenos aráveis, e 12000 hectares de florestas de araucárias ricas em madeira úteis e com cerca de 70000 árvores em condições de corte (ELFES, 1971, p. 46)”. Além da representação dos referidos cooperados em negociações bancárias e não-bancárias oficiais, a organização da referida Cooperativa também proporcionou uma atmosfera de maior segurança ao grupo de colonos, de compromisso, bem como de coesão do grupo e fortalecimento, fatores tão necessários, pois estavam negligenciando a “pátria-mãe”. É muito expressiva a força da organização no empreendedorismo regional e tudo isso fez parte dos preparativos da colonização para o desenvolvimento do Distrito Entre Rios em Guarapuava (PR).

Sobressai no 1º triângulo o empreendedor e a organização, não se sobressaindo, ainda, o meio. Provavelmente, a priori, a Cooperativa fosse dependente de *Michael Moor*, seu empreendedor, “obrigado muitas vezes, a encorajá-los [os cooperados], fortalecendo sua vontade de vencer as dificuldades [...] eram consultores intermediavam em todas as questões relativas à técnica, à economia, ao financiamento de seus estabelecimentos, junto a bancos e repartições (ELFES, 1971, p. 100)”. Já, a organização cooperativa ancorou amplo significado aos seus cooperados, isto é, além de negócios, as “cooperativas defenderam a herança cultural, desenvolveram-se e tiveram a seu cargo as instituições escolares. Nos tempos pioneiros, as cooperativas deviam ser tudo para todos (ELFES, 1971, p. 100)”, uma vez que tanto o empreendedor como a organização auxiliaram na superação das dificuldades de um processo de imigração que pode apresentar-se com desvantagens linguísticas, raciais e educacionais (DINIZ, GUIMARÃES e FERNANDES, 2019), barreiras para inserção no mercado de trabalho formal, falta de proficiência na língua e de adaptação cultural, problemas de ordem migratória (DINIZ, GUIMARÃES, FALCÃO e CRUZ, 2022), dificuldade de adaptação ou de integração na sociedade local e barreiras institucionais (CRUZ, FALCÃO e LEITE, 2022). Tal superação permitiu compor a relação positiva da imigração de alemães com o empreendedorismo, possibilitando, assim, “a inserção econômica e social dos imigrantes (DINIZ, GUIMARÃES, FALCÃO e CRUZ, 2022) e a propensão a empreender (DINIZ, GUIMARÃES e FERNANDES, 2019).

Ressaltam-se, na pré-colonização, 02 (duas) principais condições que favoreceram o surgimento desse empreendedorismo regional:

- a) com relação ao *fator informação* que “está na base da economia do conhecimento, o qual serve, portanto, de combustível para fazer rodar toda a economia, em que tudo é cada vez mais uma questão de informação (JULIEN, 2010, p. 28)”. Como principais informações, têm-se, a princípio, aquelas que viabilizaram a colonização, bem como seus primeiros anos, quais sejam:
 - a) o financiamento da colonização de imigrantes agricultores qualificados por parte do Governo Federal – “Por Decreto de 15 de janeiro de 1951 do então Presidente da República Getúlio Vargas foi possibilitado o financiamento da colonização em pauta, através do Banco do Brasil, com fundos oriundos de ágios sobre importações especiais da Suíça (ELFES, 1971, p. 46)”. Iniciou-se, assim, a mobilização de potenciais colonizadores por iniciativa da “Ajuda Suíça para a Europa”, em 1949; b) informações de ordem técnica (relacionadas ao lugar que seriam instalados os colonos) e informações de ordem não-técnica (relacionadas à instalação, organização e operacionalização referente aos primeiros anos de colonização). Sendo assim, “Na escolha da área a colonizar, foram decisivos os seguintes argumentos: o clima considerado vantajoso para camponeses europeus; as análises de solo que demonstraram ser o solo, em Entre Rios, ácido e pobre em matéria orgânica, porém relativamente rico em minerais nutritivos e tendo boa estrutura física (ELFES, 1971, p. 45-46)”. Essas informações foram levantadas por uma comissão de estudos enviada pela “Ajuda Suíça para a Europa” ao Brasil da qual o engenheiro agrônomo e primeiro empreendedor deste empreendedorismo regional, *Michael Moor*, fazia parte e tinham a tarefa de localizar terras próprias para a colonização, conforme Elfes (1971, p. 44). As informações de ordem não-técnica tratavam de pré-acordos importantes, como as habitações provisórias cedidas pelo governo, transferência dos colonos homens para a

área de colonização o quanto antes para realizar os preparos necessários ao recebimento de suas famílias, infraestrutura básica como estradas, casas (ELFES, 1971, p. 48);

- b) com relação ao *fator formação de redes* considera-se “que permite melhor acesso, triagem e adaptação dessa informação (JULIEN, 2010, p. 28)”, como principal formação de rede considerou-se, em primeiro lugar, aquela que viabilizou a colonização e seus primeiros anos formada pelos atores de ordem interna. Em um estudo com imigrantes brasileiros empreendedores na Alemanha, a configuração de rede étnica mostrou-se crucial para o estabelecimento das empresas (CRUZ, FALCÃO e LEITE, 2022). Já, para imigrantes sírios, não foi possível identificar em todos os lugares pesquisados redes de apoio étnico (DINIZ, GUIMARÃES, FALCÃO e CRUZ, 2022).

Os primeiros anos

A segunda triangulação: empreendedores, meio e ambiente

Nesta triangulação, atores empreendedores, meio e ambiente ligam “os empreendedores ao ambiente, portanto à economia, onde encontram mercado e recursos (JULIEN, 2010, p. 28)”. A principal triangulação é percebida somente ao final dos primeiros anos de colonização com a interação de mercado, que ocorreu por meio da distribuição de terras aos colonos, preocupações com o sorteio das terras, bem como com a valoração de mercado por parte destes. Os colonos consideraram “infeliz” essa divisão de terras efetuada, não justa (ELFES, 1971). Aqui, os colonos começam a apresentar um comportamento mais voltado ao mercado, quando apontam algumas considerações: a) que na medição de terras não houve consideração dos cursos de água e morfologia do solo como critérios, sendo os preços definidos conforme a distância da aldeia (Victória, Jordãozinho, Cachoeira, Socorro e Samambaia); b) o excessivo parcelamento em 06 (seis) anos pela aquisição das terras comprometeu o avanço no uso racional de máquinas e cultivo técnico perfeito de solo, isto porque os colonos não tinham como investir nestas atividades; e c) procura por parte de alguns colonos de mais áreas de terras para arrendar arriscando-se muito para a época de inflação que seguia. Assim, desde os preparativos para a colonização até meados dos primeiros anos de colonização, não há evidências históricas em Elfes (1971) que destaquem a preocupação com a interação entre colonos e o mercado, mas o sentido do empreendedorismo imigrante prevê além do “desenvolvimento de pessoas e grupos culturais o desenvolvimento de mercado (CRUZ e FALCÃO, 2020, p. 664)”. Em Machado, Falcão, Cruz e Hossein (2021), empreendedores brasileiros imigrantes no Canadá donos de negócios de porte predominantemente pequeno, em sua maioria prestadoras de serviços, visam o mercado *mainstream*, além de atender o enclave étnico.

Sobressaem aqui no 2º triângulo, o empreendedor e o ambiente, não se destacando ainda o meio. Essa tardia preocupação de relação com o mercado pode ser explicada pela fase de instalação e organização da colônia e pelo suporte recebido pelos governos alemão, brasileiro e suíço, especialmente pré-colonização e durante os primeiros anos de colonização. Em Zhou (2004 *apud* Falcão e Cruz, 2021), as formas de orientação de mercados para imigrantes voltam-se para o nicho étnico, busca de oportunidades no mercado local que incluam demandas correntes e venda de produtos e serviços exóticos de culturas diferentes. Considerando os vinte anos de fundação da Cooperativa Agrária Ltda. Entre Rios dos “Suábios do Danúbio”, conforme Elfes (1971, p. 89-102), são inúmeras as relações positivas com o mercado demonstradas a) pelo vulto dos investimentos em valores materiais; b) pelas aplicações financeiras em aspectos de formação sociocultural da colônia; e c) por se tornar o mais importante produtor de trigo no Paraná.

A terceira triangulação: empreendedores, ambiente e tempo

Na terceira interação, atores empreendedores e ambiente sofrem a ação do tempo, o qual age sobre o comportamento dos empreendedores (JULIEN, 2010, p. 28). Essa ação revela alguns aspectos marcantes de

ordem socioeconômica, de gestão de negócios e sociocultural, isto é, “A migração internacional pode proporcionar crescimento econômico e desenvolvimento regional com a participação dos imigrantes não apenas no mercado de trabalho, mas também como empreendedores (LIMA e CASTRO, 2017 *apud* DINIZ, GUIMARÃES e FERNANDES, 2019, p. 161)”. Ademais, a emissão de numerário, “vales”, é um exemplo que facilitou, nos primeiros anos, o giro interno do dinheiro que contemporizou a falta crônica de numerário, sendo considerada um marco socioeconômico. Tal fato ocorreu juntamente da fixação de mão de obra da agricultura, ociosa em alguns períodos do ano em indústrias da transformação de produtos agrícolas sediadas na Colônia dentro da região rural, evitando, assim, problemas sem solução, como o êxodo rural.

Já, para a gestão de negócios, a monocultura – cultivo de apenas uma espécie de planta – estimulada pelo governo e de rápido giro de capital demonstrou-se antieconômica, quando distribuiu desfavoravelmente a mão de obra. Ou seja, trata-se de períodos de extremo serviço e de ociosidade, levando alguns operários agrícolas a serem aproveitados nas indústrias. Somada a isso, a falta ou a insuficiente previdência social do operário agrícola nas propriedades rurais teve seu reflexo antieconômico também comprovado pela mecanização demasiada, com o intuito de redução da utilização dessa mão de obra com empréstimos exacerbados aos agricultores.

Alguns aspectos socioculturais marcantes destacam a ampliação do ensino primário pelas Freiras Dominicanas, e o aumento do nível ginásio pela Cooperativa Agrária Entre Rios dos “Suábios do Danúbio” que incluía o preparo agrícola na grade escolar. Além de haver a inclusão do idioma alemão na grade curricular das escolas desta Colônia, o apoio ao esporte e às bibliotecas pela Cooperativa também se fez presente.

Sobressaem aqui, no 3º triângulo, as ações do tempo sobre as decisões do empreendedor, não se sobressaindo, então, o ambiente. Percebe-se, ainda, os principais problemas de gestão e algumas principais soluções que “hoje aninham-se na paisagem, entre os campos zelados, indústrias modernas. Estes contrastes demonstram, de forma impressionante, a extensão do caminho percorrido (ELFES, 1971, p. 91)”.

Desse modo, ressalta-se nos primeiros anos a principal condição que favoreceu o surgimento deste empreendedorismo regional:

- a) com relação ao *fator inovação* considera-se “que está no coração do caráter distintivo das empresas ou de sua competitividade na economia do conhecimento, e que repousa na informação que as redes oferecem (JULIEN, 2010, p. 28),” como principal informação, primeiramente, aquela que viabilizou a colonização, bem como seus primeiros anos, sendo a organização territorial geográfica sob a forma de um pentágono de aldeias denominadas como Victória (aldeia principal), Jordãozinho, Cachoeira, Socorro e Samambaia – com distância de 4 km a 5 km entre si. Essa disposição apresentava, segundo Elfes (1971, p. 49), algumas vantagens: estimulava e facilitava os contatos sociais dentro e fora do grupo; facilitava a educação escolar, assistência social, cultural e médica; melhorava a economia de energia elétrica e do abastecimento de água; e proporcionava mais humanidade a esses refugiados, o que, além de distinguir a organização espacial dos “Suábios do Danúbio”, também conferiu progresso a essa colonização. Isso também resulta do enclave étnico formado pelos Suábios do Danúbio no Distrito de Entre Rios, em Guarapuava (PR). O enclave étnico consiste no “local onde membros de grupos e comunidades étnicas residem. A ideia central da perspectiva é que o imigrante aumenta sua chance de iniciar um novo negócio em áreas de enclave étnico, uma vez que é alto o nível de solidariedade e de valores culturais partilhados entre o grupo (ZHOU, 2004 *apud* DINIZ, GUIMARÃES e FERNANDES, 2019, p. 161)”. Isso especialmente aos imigrantes dos Suábios do Danúbio, os quais migraram em contexto precário de enfrentamento de uma guerra, fato que “gera sentimento de solidariedade entre coétnicos e entre a população local em que estes se encontram inseridos. Esse sentimento de solidariedade acaba se constituindo uma importante fonte de diversos recursos que contribuem para a atividade empreendedora dos imigrantes (ZHOU, 2004; DINIZ *et al*, 2019 *apud* DINIZ, GUIMARÃES, FALCÃO e CRUZ, 2022, p. 3)”

Os vinte anos após a fundação

A quarta triangulação: empreendedores, tempo e organizações

Nesta quarta interação, atores empreendedores e organizações se transformam consideravelmente no tempo (terceiro ator), sucumbindo a este ou tirando proveito dele (JULIEN, 2010, p. 28). Aqui, empreendedores e organização se confundem por transformações benéficas, a começar pela infraestrutura básica (provisão energia elétrica, água de poços semiartesianos, urbanização, rede de telefonia) e, em especial destaque, as modernas instalações administrativas e dos moinhos de cereal e de calcáreo, tornando os produtos agrícolas mais competitivos. Outrossim, há enormes depósitos com secadores e limpadores de cereais, conservação e ampliação das estradas, consultório jurídico de Direito Rural e “com isto a colônia está capacitada a garantir o abastecimento de suas indústrias com matéria-prima, aguardar oscilações do mercado e evitar problemas de transporte nas fases de acúmulo de trabalho (ELFES, 1971, p. 91)”.

Cruz e Falcão (2020) lembram que todas as nações das sociedades capitalistas asilam grupos de imigrantes que criam empresas. Em Diniz, Guimarães, Queiroz e Cruz (2022), a movimentação da economia local e global também é atribuída por negócios de imigrantes, como as “*Chinatowns*”, “*Little Havana*” e “*Little Italys*”, as quais “fornecem produtos e serviços, que por sua vez constituem mercados nos países onde se estabelecem esses imigrantes. Nesses locais manifesta-se uma nítida distinção entre ações de mercado realizadas pelos empreendedores de dentro ou de fora dos enclaves étnicos no quais estão inseridos (ZHOU, 2004; CRUZ, FALCÃO e MANCEBO, 2019; *apud* FALCÃO e CRUZ, 2021, p. 294)”.

No Quadro 2, a seguir, estão apresentadas as principais características do empreendedorismo regional da Cooperativa Agrária Ltda. Entre Rios, distribuídas em 03 (três) momentos, sendo pré-colonização, primeiros anos de colonização e vinte anos de fundação da Cooperativa.

Quadro 2 - Características do empreendedorismo regional na fundação da Cooperativa Agrária Ltda. Entre Rios dos “Suábios do Danúbio” de Guarapuava (PR)

Principal condição	Etapas da colonização	Atores/triangulações
<u>fator informação:</u> aquelas que viabilizaram a colonização, bem como seus primeiros anos	Pré-colonização	<u>1ª triangulação (empreendedores, organizações e meio):</u> criação da Cooperativa Agrária Ltda. Entre Rios de Guarapuava (PR)
<u>fator formação de redes:</u> aquela formada pelos atores de ordem interna		<u>2ª triangulação (empreendedores, meio e ambiente):</u> distribuição não-justa de terras aos colonos
<u>fator inovação:</u> a organização territorial geográfica sob a forma de pentágono de aldeias (Victória, Socorro, Jordãozinho, Cachoeira e Samambaia)	Primeiros anos da colonização	<u>3ª triangulação (empreendedores, ambiente e tempo):</u> emissão própria de numerário, fixação da mão de obra da agricultura, estratégias de enfrentamento a monocultura e a insuficiente previdência social, ampliação do ensino primário e do nível ginásio
	Vinte anos de fundação da Cooperativa Agrária	<u>4ª triangulação (empreendedores, tempo e organizações):</u> modernas instalações administrativas e dos moinhos de cereal

Agroindustrial	e de calcáreo, enormes depósitos com secadores e limpadores de cereais, conservação e ampliação de estradas, escritório jurídico de direito rural
----------------	---

Fonte: elaboração própria a partir de referencial teórico (2022-2023).

Nesse Quadro 2, as principais condições – fatores informação e formação de redes – predominam durante a pré-colonização. Já principais triangulações ocorrem, respectivamente, na pré-colonização e durante os primeiros anos da colonização: a criação da cooperativa antes do início do processo de imigração e a relação dos colonos com a economia ou mercado foram momentos em que se instituíram e/ou fortaleceram o comprometimento, a segurança e a mobilização do grupo de imigrante. Torna-se importante destacar, portanto, os papéis de técnico a encorajador, quanto ao exercício de Presidente da Cooperativa, demonstrando ser fundamental principalmente aos cooperados, ocorrendo por todas as etapas da colonização, conforme Elfes (1971).

Considerações finais

Este artigo refere-se ao empreendedorismo regional relacionado diretamente à escola não-comportamental do empreendedorismo. Seu objetivo consiste em identificar características do empreendedorismo regional na Cooperativa Agrária Agroindustrial do Distrito de Entre Rios, de Guarapuava (PR). Para tanto, realizou-se uma pesquisa de natureza qualitativa, de nível exploratório, a qual utiliza de documentação indireta, por meio de fontes secundárias oriundas do idioma português.

A partir da leitura e interpretação de Elfes (1971), relatando a trajetória histórica dos “Suábios do Danúbio” da pré-colonização, os primeiros anos e os vinte anos de fundação da Sua Cooperativa Agroindustrial, completou-se o modelo teórico de empreendedorismo regional Julien (2010, p. 27-28) relacionado a esses Suábios. Foi caracterizado, assim, o empreendedorismo regional promovido pelos “Suábios do Danúbio”, inicialmente com a identificação dos atores respectivos (de ordem interna e externa). De ordem interna, como *empreendedor* o engenheiro agrônomo *Michael Moor* (primeiro Presidente da Cooperativa Agrária Ltda. Entre Rios, Guarapuava), como *organização* a denominada Cooperativa Agrária Ltda. Entre Rios, Guarapuava, e como *meio* alguns atores brasileiros e muitos não-brasileiros. De ordem externa, como *ambiente* tem-se o mercado, e como *tempo* o período especificado e transcrito na referência bibliográfica de Elfes (1971), compreendendo a pré-colonização e os primeiros anos e vinte anos de fundação da Cooperativa Agroindustrial dos “Suábios do Danúbio” da Colônia Entre Rios, de Guarapuava (PR).

Por fim, interações entre os atores foram identificadas, quais sejam a criação antecipada, isto é, ainda na Europa da Cooperativa Agrária Ltda. Entre Rios Guarapuava (primeira interação), preocupações com as relações em relação ao mercado, quando acontece o sorteio das terras (segunda interação), soluções de ordem socioeconômica, sociocultural e de gestão (terceira interação) e transformações benéficas materiais e não-materiais na ação e aproveitamento do tempo sobre os empreendedores e organizações (quarta interação).

Logo, atores, interações e condições favoráveis ao empreendedorismo regional nesta pesquisa apontam que a) a criação da cooperativa, antes do início do processo de imigração, e a relação dos colonos com a economia ou mercado foram momentos em que se instituíram e/ou fortaleceram o comprometimento, segurança e mobilização do grupo de imigrantes. Torna-se importante destacar, também, os papéis de técnico a encorajador quanto ao exercício de presidente da cooperativa, demonstrando ser fundamental, principalmente aos cooperados. Assim, “a migração internacional pode proporcionar crescimento econômico e desenvolvimento regional com a participação dos imigrantes não apenas no mercado de trabalho, mas também como empreendedores (LIMA e CASTRO, 2017 *apud* DINIZ, GUIMARÃES e FERNANDES, 2019, p. 161)”.

O empreendedorismo é relevante, mesmo em períodos de mudanças drásticas de regimes políticos, guerras que devastam e graves crises da economia pois algumas regiões acabam formando uma cultura do empreendedorismo regional que apresenta, por no mínimo 80 anos, altas taxas de formação de novos negócios (especialmente *start-ups*) acompanhada pelas altas taxas de autoemprego (FRITSCH e WYRWICH, 2012;

FRITSCH e WYRWICH, 2014; FRITSCH e WYRWICH, 2017). Logo, a cultura do empreendedorismo regional é um recurso relevante ao crescimento econômico regional.

Um itinerário para esta pesquisa é a aplicação do modelo teórico do empreendedorismo regional de Julien (2010, p. 22) em principais cooperativas agroindustriais do Paraná (pesquisadas rapidamente pela Pesquisadora), a saber: Cooperativa Batavo de Carambeí (PR), Cooperativa Castrolanda de Castro (PR), Cooperativa Capal de Arapoti (PR) e Cooperativa Witmarsum em Palmeira (PR). Considerando que há necessidade de mais pesquisas sobre o empreendedorismo imigrante, principalmente em países emergentes do hemisfério sul, além de que é crescente o fenômeno do estabelecimento dos negócios de empreendedores brasileiros no exterior e continua sendo insuficientemente estudado (DINIZ, GUIMARÃES, QUEIROZ e CRUZ, 2022; CRUZ e FALCÃO, 2020). Outro itinerário seria uma pesquisa teórico-empírica na Colônia Entre Rios de Guarapuava (PR), com a finalidade de avaliar a presença e/ou resultantes da cultura do empreendedorismo regional. Assim, uma principal limitação desta pesquisa é a consulta apenas a uma referência bibliográfica de Albert Elfes (1971).

Referências

- AOKI, V. C. G.; MACHADO, H. V. (2018). Empreendedorismo transnacional, étnico e imigrante. *XXI SEMEAD*. Seminários em Administração. São Paulo: Nov.
- BARDIN, L. (2016). *Análise de conteúdo*. Tradutores: Rego, L. de A.; Pinheiro, A.. Lisboa: Edições 70.
- BRUE, S. L. (2013). *História do pensamento econômico*. Trad. Luciana Penteado Miquelino. 6. Ed. São Paulo: Cengage Learning.
- COOPERATIVA AGRARIA AGROINDUSTRIAL (2023). Disponível em: <<https://www.agraria.com.br/malte/inicial>>.
- CRUZ, E. P.; FALCÃO, R. P. de Q. (2020). Orientação para o mercado para pequenas e médias empresas de imigrantes brasileiros no exterior. *Revista de empreendedorismo e gestão de pequenas empresas*. v. 9, n. 4, p. 641-671, set./dez.
- CRUZ, E. P.; FALCÃO, R. P. de Q.; LEITE, J. G. L. (2022). Mixed embeddedness of brasilians in Germany: empirical evidencie and elements for debate. *Organizações em contexto*, v. 18, n. 36, jul./dez.
- CUMMING, D.; JOHAN, S.; ZHANG, M. (2014). The economic impact of entrepreneurship. *Corporate Governance*. March, 22 (2).
- DINIZ, G. C. da S.; GUIMARÃES, L. de O.; FERNANDES, D. M. (2019). Empreendedorismo imigrante e étnico: o papel das redes sociais no processo empreendedor de um imigrante sírio no Brasil. *Revista eletrônica de negócios internacionais – INTERNEXT*. V. 14, n. 2, p. 161-174, mai./ago.
- DINIZ, G. C. da S.; GUIMARÃES, L.de O.; FALCÃO, R. P. de Q.; CRUZ, E. P. (2022). Redes de imigração síria no Brasil e a criação de novos negócios. *Revista eletrônica de negócios internacionais – INTERNEXT*, v. 17, n. 1, p. 1-21, jan./abr.
- ELFES, A. (1971). *Suábios do Paraná*. Curitiba: [s.n.].
- FALCÃO, R. P. de Q.; CRUZ, E. P. (2021). Configuração de mercados étnicos nas dimensões temporal e ambiental: um ensaio teórico sobre negócios de imigrantes brasileiros. *Revista eletrônica de ciência administrativa*, v. 20, n. 2, p. 293-324, mai./ago.
- FRITSCH, M.; WYRWICH, M (2014). The effect of regional entrepreneurship culture on economic development: evidence for Germany. *Jena Economic Research Papers*. v. 14, April.
- FRITSCH, M.; WYRWICH, M. (2017). Persistence of regional entrepreneurship: causes, effects and directions for future research. *Jena Economic Research Papers*. N. 003
- GODLEWSKA, M.; MORAWSKA, S. (2020). Development of local and regional entrepreneurship – which institutions matter? Evidence from Polonia. *Economic research-ekonomicna istrazivnja*. V. 33, n. 1, p. 1017-1035.

- INACIO JUNIOR, E. *et al* (2016). Análise do ecossistema empreendedor brasileiro. *IX EGEPE*. Passo Fundo: Março.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA (IBGE) (2023). Disponível em: <https://brasil500anos.ibge.gov.br/estatisticas-do-povoamento/imigracao-por-nacionalidade-1884-1933.html> >.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE QUALIDADE E PRODUTIVIDADE (IBQP) (2023). Disponível em: <<https://ibqp.org.br/wp-content/uploads/2021/02/Empreendedorismo-no-Brasil-GEM-2019.pdf>>.
- JULIEN, P. (2010). *Empreendedorismo regional e economia do conhecimento*. São Paulo: Saraiva.
- MACHADO, M. M.; FALCÃO, R. P. de Q.; CRUZ, E. P.; HOSSEIN, C. S. (2021). A experiência Canadense na perspectiva do empreendedorismo imigrante brasileiro em Toronto. *Empreendedorismo e gestão de pequenas empresas*. V. 10, n. 3, set./dez.
- MARCONI, M. De A; LAKATOS, E. M. (2010). *Fundamentos da metodologia científica*. 7 ed. São Paulo: Atlas.
- PEREIRA, G. D. F. P. *et al* (2012). Empreendedorismo regional: um olhar sobre a identidade cultural em narrativas locais. *XXXVI Encontro da ANPAD*. Rio de Janeiro: Set.
- ROCHA, R. T. da *et al* (2017). Empreendedorismo e desenvolvimento socioeconômico: um estudo com municípios do Estado de São Paulo. *XX SEMEAD*. São Paulo: Nov.
- SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. D. P. B. (2013). *Metodologia de pesquisa*. Tradução Daisy Vaz de Moraes. 5 ed. Porto Alegre: Penso.
- SANTOS, G. A. G dos; DINIZ, E. J.; BARBOSA, E. K. (2004). Aglomerações, arranjos produtivos locais e vantagens competitivas locais. *Revista do BNDES*. V. 11, n. 22, p. 151-179, dez./2004.
- SCHUMPETER, J. A. (1985). *A teoria do desenvolvimento econômico*. São Paulo: Editora Nova Cultural. Cap. 1 e 2.
- SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO A MICRO E PEQUENA EMPRESA (SEBRAE) (2023). Disponível em: <<https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/bis/50-historias-para-inspirar-sua-jornada-empreendedora,59d8aa7dab90d510VgnVCM1000004c00210aRCRD>>.
- STEIN, M. N. (2008). “O oitavo dia: produção de sentidos identitários na Colônia Entre Rios (PR) (segunda metade do século XX). *Tese*. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC.